

Afetividade e Pessoa na Fenomenologia de Dietrich Von Hildebrand

Affectivity and Person in Phenomenology of Dietrich Von Hildebrand

Prof. Dr. Tommy Akira Goto

Universidade Federal de Uberlândia – UFU²⁰⁸

Marília Zampieri da Silva

Universidade Federal de Uberlândia – UFU²⁰⁹

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de apresentar a "fenomenologia da afetividade" elaborada pelo filósofo Dietrich von Hildebrand (1889-1977), discípulo de Husserl e que produziu análises filosóficas a partir da denominada "fenomenologia realista", ou seja, uma filosofia fenomenológica da verdade, mas que mantém o contato existencial com a realidade, a partir do conhecimento das essências genuínas e do conhecimento *a priori*. Para o filósofo somente por meio do método fenomenológico é possível alcançar genuinamente o conhecimento *a priori* das essências dos fenômenos e assim, chegar à verdade e a profundidade do fenômeno. A investigação filosófica de Hildebrand se baseia diretamente na experiência humana, assim, para conhecer a essência do ser humano é importante analisar os fenômenos da vida consciente. Hildebrand afirma em sua análise fenomenológica que a pessoa humana é um ser espiritual e que possui três estruturas intencionais: o entendimento, a vontade e a afetividade. Essas três estruturas da pessoa humana são, em verdade, a estrutura ontológica do ser humano e cada uma delas compõem "centros operativos" de vivências. Assim, esse artigo visa apresentar a vida e o pensamento de Hildebrand, explicitando a questão da pessoa humana e da afetividade, diante de tantas confusões conceituais, uma vez que, segundo Hildebrand, a afetividade é a estrutura da pessoa humana

²⁰⁸ Email: prof-tommy@hotmail.com

²⁰⁹ Email: marilia.zampieri@hotmail.com

que melhor expressa a vida interior humana. É por meio da afetividade que é possível dizer que vivemos algo. Sendo assim, o filósofo exige uma análise radical e rigorosa, entendendo fenomenologicamente a resposta afetiva possuidora de um caráter ativo e que expressa a tomada de decisão em relação aos acontecimentos no ser humano.

PALAVRAS CHAVE

Fenomenologia realista; Pessoa humana; Método fenomenológico.

ABSTRACT

The present study aims to present the "phenomenology of affectivity" elaborated by the philosopher Dietrich von Hildebrand (1889-1977), a disciple of Husserl and who produced philosophical analyzes from the so-called "realist phenomenology", that is, a phenomenological philosophy of truth, but which maintains the existential contact with reality, from the knowledge of genuine essences and a priori knowledge. For the philosopher only by means of the phenomenological method it is possible to genuinely reach the a priori knowledge of the essences of the phenomena and thus, to arrive at the truth and the depth of the phenomenon. Hildebrand's philosophical inquiry is based directly on human experience, so to know the essence of the human being it is important to analyze the phenomena of conscious life. Hildebrand states in his phenomenological analysis that the human person is a spiritual being and has three intentional structures: the understanding, the will and the affectivity. These three structures of the human person are, in truth, the ontological structure of the human being and each of them constitute "operational centers" of experiences. This article aims to present the life and thought of Hildebrand, explaining the human person and affectivity, in the face of so many conceptual confusions, since, according to Hildebrand, affectivity is the structure of the human person that best expresses life Human interior. It is through affection that it is possible to say that we live something. Thus, the philosopher demands a radical and rigorous analysis, understanding phenomenologically the affective response possessing an active character and that expresses the decision making regarding the events in the human being.

KEYWORDS

Realist phenomenology; Human person; Phenomenological method.

INTRODUÇÃO

Podemos dizer que a chamada "Filosofia da Pessoa" – entendida como uma filosofia que tem como centro a reflexão e a análise da

estrutura e do conceito de Pessoa – ou, o que mais tarde se denominará de Personalismo, surgiu na Europa no início do século XX, influenciada pelo desenvolvimento histórico-filosófico

na “noção de eu” ou do “sujeito transcendental” que vinham desde Immanuel Kant e Johann G. Fichte (FERRER, 2002). No entanto, o alcance de uma definição mais conceitual de Pessoa é problemática no contexto do Personalismo em virtude dos muitos sentidos e interpretações a que se tem desdobrado o seu entendimento. Além disso, o Personalismo é também compreendido, dentre os vários sentidos, como uma filosofia que tem como ponto chave o conceito de dignidade humana. Esse é um conceito que principalmente os fenomenólogos personalistas têm enfatizado, porque falar de dignidade, em verdade, significa dar luz a uma realidade: a pessoa humana.

Ainda, mesmo possuindo uma influência filosófica proveniente da filosofia moderna, tem se atribuído maior impulso à Filosofia da Pessoa à escola fenomenológica fundada por Edmund Husserl (1859-1938). O método fenomenológico proposto nos primeiros anos da Fenomenologia a partir da publicação das *Investigações Lógicas* (1900/1901) atraiu diversos filósofos de interesse realista, uma vez que essa proposta inicial do método consistia no “retorno às coisas mesmas”, era similar às principais premissas básicas do realismo filosófico. Ainda, conforme afirma Burgos (2012), a proposta

fenomenológica enriqueceu o realismo moderno com a possibilidade da análise da subjetividade, mesmo que com um sentido de subjetividade psicológica; subjetividade essa ausente nas filosofias realistas tradicionais e principalmente na tradição escolástica.

Dessa maneira, formou-se então um grupo de discípulos em torno de Husserl que seguiram com entusiasmo as propostas da Fenomenologia, formando assim o chamado “Círculo de Gotinga”. Estiveram entre os principais discípulos desse círculo os filósofos Max Scheler, Adolf Reinach, Dietrich von Hildebrand, Edith Stein, o casal Theodor Conrad e Hedwig Conrad-Martius. Max Scheler foi, dentre eles, o filósofo que mais atribuiu importância ao conceito de pessoa, ao mesmo tempo em que Husserl desenvolvia suas análises do sujeito transcendental. Scheler, assim como o grupo de Gotinga, entendia o método fenomenológico como um método que possibilitava a explicitação da estrutura interativa que liga de maneira intencional as experiências humanas, a ponto de compreender que pela experiência era possível alcançar as próprias coisas.

Scheler chega à pessoa como ser concreto, o ser humano espiritual, responsável pela unidade da diversidade de atos, tais como: julgar,

amar, perceber, etc. Em termos gerais, para Scheler a pessoa fenomenologicamente descrita, como comenta Ferrer (2002), está para além do eu, porque a pessoa vivencia a si mesma em seus atos como uma unidade na diversidade de atos, enquanto o eu é um objeto copercebido, ou seja, está sempre referido a um entorno, um eu-mundo. E, tal como Scheler, tantos outros filósofos vão centrar seus esforços na descrição da pessoa, a partir dessa fenomenologia denominada como “fenomenologia realista”.

Nosso intuito nesse capítulo é apresentar a vida, a obra e a “fenomenologia da pessoa” desenvolvida pelo filósofo Dietrich von Hildebrand (1889-1977) – discípulo de Husserl e grande amigo de Scheler –, pouco conhecido no ambiente filosófico, fenomenológico brasileiro, mas que contribuiu de maneira decisiva na escola fenomenológica realista, principalmente com investigações sobre a ética, os valores, a espiritualidade e afetividade. Von Hildebrand foi mais conhecido no ambiente teológico cristão, tendo sido um dos grandes expoentes da filosofia cristã do século XX. “As circunstâncias adversas que têm impedido uma maior divulgação da obra de Hildebrand não pode ocultá-

la, ainda mais, o valor objetivo que contém as suas contribuições filosóficas” (Rovira, 2006, p.22).

1. DIETRICH VON HILDEBRAND: SUA VIDA E OBRA

Dietrich von Hildebrand nasceu no dia 12 de outubro de 1889, na Florência - Itália, em um ambiente repleto de música, a qual veio desempenhar um papel importante em sua vida. Seu pai era Adolf Hildebrand, um famoso escultor renomado e sua mãe Irene Hildebrand, uma dona de casa, esposa e mãe que encheu seu filho de muito amor. Hildebrand foi o sexto e o único homem dentre os seis filhos, as outras filhas eram: Eva, Elizabeth, Irene, Sylvie e Bertel. Desse modo, seu nascimento foi sentido com muita alegria, rodeado pelo amor de sua mãe e suas cinco irmãs, as quais ansiavam por fazer carinho em seu irmão caçula e compartilhar com ele todos os talentos que tinham. Assim, suas irmãs tiveram grande influência em seu desenvolvimento pessoal e artístico, já que toda a família possuía talentos notáveis, eram: escultores, pintores ou poetas (HILDEBRAND, 2002).

Desde criança Dietrich estava envolto de obras de arte, pinturas, esculturas, canções antigas e músicas clássicas. Seus primeiros passos foram em um campo florescente em uma colina com uma das mais belas vistas de Florência. Esse ambiente teve tal influência na vida de von Hildebrand que sua primeira conferência pública, aos 17 anos, versou sobre a estética, sendo que seguiu escrevendo sobre esse tema por toda sua vida. Podemos dizer que Dietrich cresceu em um ambiente privilegiado, na infância não frequentou escola, tinha tutores particulares, entre eles estavam: Walter Rietzler, Dr. Wuhl, Ludwing Curtis e Alois Fischer (HILDEBRAND, 2002).

A convivência de Dietrich com sua mãe e suas irmãs favoreceu o desenvolvimento de uma sensibilidade pelo mistério do feminino, considerando altamente a personalidade feminina e compreendendo intuitivamente "sua estrutura espiritual, psicológica e intelectual". Assim, passou a ter uma profunda reverência pelo feminino, levando-o a uma posição contrária da maioria dos homens de sua época, ou seja, aquela em que as mulheres são menos inteligentes do que os homens e não possuem o mesmo nível intelectual. Em sua concepção as mulheres são de grande importância para o intelecto masculino, pois dizia frequentemente que havia encontrado

mais mulheres notáveis do que homens (HILDEBRAND, 2002).

Os fatores que permaneceram ao longo de toda a vida de Hildebrand foram: amor, verdade e beleza. No entanto, como observa Alice von Hildebrand (2002), uma coisa lhe faltava enquanto era criança: a religião. Oficialmente seus pais eram protestantes, mas não eram praticantes. Assim Dietrich e suas irmãs foram batizadas por um ministro protestante, mas não havia o significado sobrenatural desse grande acontecimento, o batismo para eles era visto apenas como uma tradição ocidental. No entanto, é possível dizer que desde menino Dietrich levava o religioso muito a sério, tinha uma profunda reverência ao sagrado e aquilo que transcende infinitamente. Destaca Hildebrand (2002) que anos mais tarde Dietrich conheceu a Igreja Católica por meio de seu amigo filósofo Max Scheler, se convertendo então aos 25 anos ao catolicismo.

Em 1906, aos 17 anos, Hildebrand chegou à Universidade de Munique na Alemanha decidido a estudar Filosofia, decisão esta que tomou ao encontrar os diálogos de Platão, descobrindo assim que tinha um "talento nato" para desvendar erros e equívocos em uma argumentação, assim, colocou sua alma para desenvolver este dom (HILDEBRAND, 2002). Seus primeiros estudos de filosofia foram

com o filósofo e psicologista Theodor Lipps, cujas aulas lhe causaram grande impacto. Uma das coisas que chamou atenção em Hildebrand foi o fato de que Lipps tinha uma personalidade que transparecia a espiritualidade e "expressava sua dedicação ao que ele estava convencido de que era verdade" (HILDEBRAND, 2002, p. 68).

Podemos afirmar que um dos estudos de Lipps que teve influência em Hildebrand, refletindo mais à frente em sua própria vida e em suas obras sobre ética, valores e afetividade, foi a distinção entre sensação e sentimento. No entanto, Hildebrand observou que não havia harmonia entre a epistemologia e a ética de Lipps, visto que não havia conseguido "libertar-se do psicologismo", o qual era predominante na época entre os filósofos, e estabelecia o saber humano apenas como o "reflexo na consciência" psicológica, ou seja, o ser humano torna-se prisioneiro de sua própria consciência de acordo com o psicologismo (HILDEBRAND, 2002).

Na época, Theodor Lipps fundou em Munique a "Associação Acadêmica para a Psicologia" (*Akademischer Verein für Psychologie*), uma organização composta por estudantes e membros do conselho da faculdade, cuja maioria era dos cursos

de Filosofia e que se reuniam semanalmente. Assim, Hildebrand tornou-se membro, o que lhe foi algo de grande valor, visto que nessas reuniões aprendeu mais do que na própria universidade. Dietrich ficou fascinado ao estar em contato estreito com mentes brilhantes, trocando ideias e descobrindo que os que ali estavam presentes também defendiam a possibilidade de alcançar a certeza do conhecimento e a objetividade da verdade.

Alice von Hildebrand (2002) lembra que foi nesse grupo onde conheceu Heinrich Reinach – o irmão mais novo de Adolf Reinach, filósofo que desempenhou um papel importante em seu desenvolvimento filosófico – e que logo tornou-se um grande amigo. Mais tarde em 1907 em uma das reuniões da Associação, o jovem Hildebrand acabou conhecendo Adolf Reinach e se impressionou imediatamente por seu talento filosófico e altura intelectual, conectados a uma personalidade nobre e atraente. Uma das coisas que percebeu em Reinach foi a incondicional sede pela verdade.

Tanto Hildebrand, quanto Reinach compartilhavam da mesma admiração por Lipps em relação sua personalidade e estatura moral. No entanto, Reinach incentivava que Hildebrand tivesse consciência da

limitação da ética de Lipps, devido ao seu envolvimento com o psicologismo. Na época em que Hildebrand conheceu Reinach, estava se preparando para seguir seus estudos em Tubinga, permanecendo assim pouco tempo em Munique, porém, voltaria a entrar na vida do jovem filósofo pouco depois. Dietrich considerou Reinach como seu verdadeiro mentor e mestre (HILDEBRAND, 2002).

Outra experiência importante para Dietrich, como destaca Hildebrand (2002) foi quando um grupo de amigos da "*Akademischer Verein fur Psychologie*" organizou uma reunião em um restaurante para despedir de Moritz Geiger, que estava saindo de Munique para passar uma temporada nos Estados Unidos. Essa foi uma noite decisiva, pois foi assim que Dietrich conheceu Max Scheler, que havia chegado recentemente da Universidade de Jena. Ao começarem a conversar, como lembrou A. Hildebrand (2002), Scheler se encantou diante dos olhos de Hildebrand, apreciando a amplitude e profundidade de sua alma. Desse modo, Dietrich se viu cativado pela mente e pela personalidade de Scheler, considerando-o como um verdadeiro gênio, assim passou a desempenhar um papel importante na vida de Dietrich. Assim, além das aulas de Lipps, decidiu assistir as conferências de Scheler e um

seminário dirigido por [Pfänder](#) (HILDEBRAND, 2002).

Scheler formulava as ideias de forma brilhante, elas simplesmente fluíam de sua alma, sem esforço e isso foi uma nova experiência para o jovem Hildebrand. Podemos dizer que o encontro com Scheler foi "um dos grandes acontecimentos intelectuais de sua vida" (HILDEBRAND, 2002, p. 74). A relação de Hildebrand com Scheler foi para o jovem estudante uma fonte sem limites de inspiração, sendo que é possível dizer que a maior "dívida" que Hildebrand dizia ter com Scheler foi que com ele abriu-se o caminho para a Igreja Católica, mostrando-lhe ao longo de vários anos e discussões que a Igreja "recebeu e conservava a totalidade da Verdade revelada" (HILDEBRAND, 2002, p. 76). Nas reuniões realizadas principalmente em cafés, Scheler foi influenciando e modificando os pontos de vista políticos de Hildebrand tanto aos temas filosóficos, quantos aos religiosos (A. HILDEBRAND, 2002).

Em 1909 Scheler convenceu Hildebrand que ele se beneficiaria em assistir as aulas de Edmund Husserl na Universidade de Gotinga. Hildebrand passou a conhecer a filosofia de Husserl por meio do primeiro volume das *Investigações Lógicas*, gerando conseqüentemente um grande entusiasmo; para o pequeno jovem foi como

"experimentar um amanhecer". Assim, deixou Munique para estudar com o mestre Husserl em pessoa. No primeiro encontro Husserl recebeu o novo aluno com afabilidade e simplicidade, porém, como afirma Hildebrand (2002), Husserl não causou a impressão de uma grande personalidade, fazendo Dietrich sentir claramente a diferença entre a personalidade de Husserl e a de Scheler.

Na primeira semana do curso Hildebrand não compareceu, deixando Husserl ofendido com seu novo estudante, resultando em uma discussão filosófica entre eles. No final da discussão Dietrich tinha sentimentos mesclados quanto a Husserl, de um lado este havia lhe "aberto um novo mundo" com as *Investigações Lógicas*, sendo um pensador claramente mais profundo que Lipps, mas por outro, a personalidade de Lipps era mais atraente. Mesmo assim Hildebrand assistiu a todas as aulas de Husserl fielmente (HILDEBRAND, 2002).

Dietrich von Hildebrand ficou muito decepcionado com Husserl como professor, porque estava tão absolvido por sua própria investigação que não via o ensinar como algo atrativo, seus cursos eram mal organizados e a maioria das coisas que dizia eram

incompreensíveis. Husserl tinha uma mente brilhante, mas não possuía talento como professor. Nessa época Adolf Reinach decidiu fazer sua qualificação com Husserl e acabou tornando-se seu assistente. Foi nesse momento, como observa A. Hildebrand (2002), que o jovem Dietrich passou para a fase mais importante de sua formação acadêmica. Reinach ministrou um seminário sobre ética que fascinou Hildebrand de tal forma que mais tarde o influenciou em inúmeros trabalhos. E assim a relação ente Dietrich e Husserl foi evoluindo de forma positiva; o pequeno jovem descobriu traços amáveis e atrativos em seu mestre, além de seu grande talento e bondade; por fim, Dietrich decidiu fazer seu doutorado com Husserl (HILDEBRAND, 2002).

Os anos de 1910 e 1911 foram importantes e marcaram decisivamente a formação intelectual de Hildebrand, principalmente ao assistir as aulas de Reinach em Gotinga. Reinach era um professor qualificado, tinha clareza, precisão e profundidade no que ensinava. Dietrich pôde desfrutar de um autêntico "banquete intelectual", tendo aulas sobre Platão e Descartes; aulas que lhe causaram impressão pra toda a vida. Outro evento nessa época, lembrado por Alice von

Hildebrand (2002) e que foi enriquecedor foi a criação da "Sociedade Filosófica" de Gotinga (*Gottinger philosophische Gesellschaft*) que Hildebrand fundou com Theodor Conrad; formada por um grupo seletivo dos alunos de Husserl e Reinach que se reuniam para discutir temas filosóficos importantes. Pertenciam à sociedade os principais alunos de Husserl, tais como: Adolf Reinach, Conrad e Hedwig Martius, Dietrich von Hildebrand, Moskiewicz, Alexander Koyré e Jean Hering. Como comenta Stein (2002) não eram todos os alunos de Husserl que pertenciam à sociedade, pode-se dizer que a sociedade era mais constituída pelos jovens estudantes que eram influenciados por Max Scheler.

Nesse mesmo período também ocorreu uma reunião importante na casa de Husserl, com a presença do próprio Hildebrand, de Scheler e Reinach, que tinha como objetivo criar o "Boletim de Filosofia e Investigação Fenomenológica" (*Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische*). Esta revista iria publicar contribuições ao pensamento humano, a partir das investigações fenomenológicas, sendo algo importante para a filosofia (HILDEBRAND, 2002).

Um acontecimento interessante que comenta A. Hildebrand (2002) foi em 1911 quando os pais de Hildebrand acompanharam seu

Dietrich em uma viagem de férias à Florência com a companhia de Reinach. Nessa viagem Dietrich e Reinach conheceram o mestre de Husserl, o famoso filósofo Franz Brentano; filósofo que os integrantes do círculo de Gotinga respeitavam muito. É interessante citar, que quando Hildebrand era criança tinha cruzado algumas vezes com Brentano, no período que era sacerdote, antes de ter abandonado a Igreja Católica. Segundo as observações de Dietrich, Brentano tinha uma personalidade mais marcante que Husserl, mas o último era superior a seu mestre como filósofo (HILDEBRAND, 2002).

Em relação ao doutorado, Hildebrand havia inicialmente sugerido uma temática sobre "erro e ilusão", mas Husserl o aconselhou dizendo se tratar de um projeto demasiadamente ambicioso para uma tese de doutorado. Desse modo, aceitou o conselho e decidiu por um tema ético, ou seja, "a natureza da ação moral", tema este aprovado por Husserl. Assim, pôs-se a escrever e em um curto intervalo de tempo havia terminado. No final de 1911 apresentou sua tese a Husserl, quem lhe sugeriu pequenas mudanças apesar de ter gostado muito. Ao concluir a tese, Dietrich foi fazer o exame oral e defendê-la, o que ocorreu com muita dificuldade, visto que os seus avaliadores tinham uma

forte antipatia por Husserl e acabaram estendendo-a ao seu discípulo. Sua defesa resultou em uma aprovação, mas não com o mérito que merecia. No entanto, o que lhe importava era o que Husserl pensava dele e o mestre havia gostado muito (HILDEBRAND, 2002).

Dietrich pouco depois que recebeu seu doutorado, teve uma sugestão de seu antigo tutor Alois Fischer para dar conferências de ética na Academia de Professores de Munique. Teve aceitação de muitos e passou a receber seu primeiro salário pelos honorários, o que o levou a conhecer dezessete países em sua carreira de conferencista (HILDEBRAND, 2002). Depois dessas conquistas Hildebrand chegou ao momento em que poderia voltar sua atenção para algo que lhe preocupava a meses, o desejo de entrar decisivamente para a Igreja Católica e ter sua união com Deus. Estava assim florescendo a semente da filosofia cristã que Scheler havia colocado em sua alma.

Nesse período Dietrich encontrou Siegfried Hamburger, que havia conhecido em Gotinga em 1910 e começaram a construir uma amizade que duraria toda a vida. Seus encontros foram verdadeiros "banquetes filosóficos", passavam horas discutindo questões filosóficas

sobre a busca pela verdade. Hamburger foi naquele momento para Hildebrand uma pessoa em que poderia confiar um verdadeiro amigo. De modo, que a mesma devoção que Dietrich tinha por Scheler passou a ter por Hamburger, sendo essa amizade um dos grandes presentes na vida de Hildebrand (2002).

O momento mais decisivo e importante na vida de Hildebrand foi sua conversão à Igreja Católica, que ocorreu em 1914. Dietrich viu-se completamente apaixonado pela Igreja, mas sabia que isso poderia atrapalhar sua carreira filosófica, visto que no meio acadêmico não se falava do sobrenatural, do religioso tão pouco do "sagrado", de modo que os professores acadêmicos viviam a dicotomia entre a fé e suas investigações intelectuais. Todavia, Dietrich não se conformou com essas normas, mesmo que seu desejo era de "ensinar filosofia e não teologia, mas iria ser uma filosofia aberta a uma realidade mais alta, não uma filosofia separada sistematicamente dela" (HILDEBRAND, 2002, p. 148). O ardor, o fervor e o amor de Hildebrand pela Igreja Católica permaneceram até o último dia de sua vida, tamanha era a devoção que deixou claro que se depois de sua morte encontrassem algum manuscrito seu que fosse contrário ao

ensinamento da Igreja era pra ser queimado (HILDEBRAND, 2002).

A tomada de poder pelos nazistas em 1933 forçou o casal Hildebrand a deixar a Alemanha e se estabelecer em Viena, mas ali também estava se tornando um ambiente perigoso. Resolveram então ir para a França, mas em seguida a invasão dos alemães em 1940 lhes obrigou a mudança para a Suíça, porém seus vistos foram negados. Por fim, o casal resolveu se dirigir até a Espanha com a intenção de chegar a Portugal e de lá viajar até o Brasil e os Estados Unidos. Como descreve A. Hildebrand (2002) em 1940 conseguiram um visto americano de imigração que lhes permitiram partir para os Estados Unidos. Assim, embarcaram em um navio português (Serpa Pinto) que se dirigia ao Rio de Janeiro/Brasil e foram recebidos amavelmente por um amigo de Dietrich, o monge beneditino Otto von Württemberger. Do Rio de Janeiro foram para São Paulo visitar os amigos fenomenólogos Heinrich Reinach e sua esposa que também saiu da Alemanha após a morte de Adolf Reinach em 1917. Enfim, no final de 1940 Dietrich e sua esposa embarcam definitivamente para os Estados Unidos e, logo foi nomeado professor da Universidade Fordham, uma universidade jesuíta de Nova Iorque.

Ao longo de sua vida Dietrich von Hildebrand escreveu muitas obras filosóficas e obras sobre fé e moral do catolicismo. Entre as obras filosóficas estão: “Ética” (*Ethik*, 1929), “A metafísica da Comunidade” (*Metaphysik der Gemeinschaft*, 1930), “O que é Filosofia? (*Was ist Philosophie?*, 1970); “Estética I” (*Ästhetik I*, 1971); “A essência do Amor” (*Das Wesen der Liebe*, 1971), “Estética II” (*Ästhetik II*, 1977), entre outras. Também destacam-se seus escritos filosófico-teológicos, tais como: “O matrimônio” (*Die Ehe*, 1929), “Liturgia e Personalidade” (*Liturgie und Persönlichkeit*, 1933), “A Nova Torre de Babel. As manifestações da queda do homem de Deus” (*The New Tower of Babel. Manifestations of Man’s Escape from God*, 1953); “O coração sagrado. Uma análise da afetividade humana e divina” (*The Sacred Heart. Na analysis of human and divine affectivity*, 1965), entre outros escritos. Os seus escritos compõem hoje as obras completas (*Gesammelte Werke*) compostas de dez volumes e escritas em alemão, porém nessas obras não se encontram todos os escritos do filósofo, principalmente os escritos em inglês.

Os últimos anos de sua vida foram difíceis para sua concepção filosófica e religiosa, pois teve que enfrentar o progresso religioso que se desatou no Concílio Vaticano II. Acabou falecendo em 1977. Como

afirma Sánchez-Migallón (2003, p. 23) “é justo dizer que Dietrich von Hildebrand nunca deixou de ser filósofo: um filósofo de matriz fenomenológica, com um compromisso decidido com a verdade das coisas mesmas e com a uma atenção preocupada pelos problemas de seu tempo”.

2. A FENOMENOLOGIA REALISTA DE DIETRICH VON HILDEBRAND

Como vimos Dietrich von Hildebrand foi um importante filósofo que pertenceu ao “Círculo fenomenológico de Gotinga”, ou seja, um grupo de filósofos que tinham como principal inspiração metodológica as *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl. Esse grupo de filósofos produziram análises fenomenológicas de cunho realistas que foram denominadas “fenomenologia realista”. Essa fenomenologia realista tenta ser uma filosofia da verdade, a partir do estudo das essências objetivamente necessárias e de suas conexões *a priori*, ou como Spiegelberg (1982) denominou: uma “filosofia universal das essências”.

Hildebrand compreendia a Fenomenologia de Husserl e mais propriamente o método

fenomenológico como uma filosofia, metodologicamente rigorosa, que voltava sua atenção “às coisas mesmas” (*zu den Sachen selbst!*) para chegar ao essencial (essências), assimilando aquilo que aparece na intuição imediata. Para o filósofo de Munique “toda descoberta filosófica começa com um genuíno admirar-se e perguntar-se” (Hildebrand, 1969, p. 70), tal como a máxima husserliana e só a partir dessa base metódica é possível desenvolver um pensamento filosófico rigoroso e sistemático.

Para Hildebrand (2000, p. 213) a “Fenomenologia” é sinônimo de “análise intuitiva das essências genuínas”, é a filosofia que permite “o verdadeiro contato intuitivo com o objeto dotado de uma essência genuína”, ou seja, um autêntico método filosófico. Ainda, na sua acepção o que a Fenomenologia inaugura de novo na filosofia é se constituir puramente como método, pois se funda e se legitima “epistemologicamente mediante a decisiva distinção entre essências genuínas e meras unidades morfológicas” (Hildebrand, 2000, p. 214.)

Assim, Hildebrand passa a conceber o conhecimento filosófico fundamentalmente intuitivo, a ponto de defender a necessidade da intuição essencial contra as acusações de um

suposto idealismo. Na obra "O que é filosofia?", Hildebrand afirma que "a fenomenologia supõe plena receptividade de toda a plenitude existencial e qualitativa própria do perfume essencial das entidades espirituais e culturais" (Hildebrand, 2002, p, 215). Nesse sentido, a filosofia como fenomenológica é, em verdade, uma filosofia que mantém um contato existencial com a realidade; uma análise das essências genuínas, isto é, o conhecimento *a priori*. Com o método fenomenológico é possível alcançar genuinamente, após análises sucessivas, o conhecimento *a priori* de essências e fatos essenciais; com esse método é permitido descobrir a verdade e a profundidade do objeto.

Como o conhecimento filosófico-fenomenológico procede em direção às essências, Hildebrand passa a descrever "tipos de essência" no intuito de delimitar o campo de objetos presentes no conhecimento. Com isso, considera os "tipos de essência" como "tipos de unidade" que se dão nos seres, intrínseca e altamente significativa de consistência. Esses são três tipos ou graus, conforme descreve Sánchez-Migallón (2002): o primeiro tipo são as unidades casuais, ou seja, unidades de um conjunto cujos elementos estão relacionados apenas de maneira factual e acidentalmente (como por exemplo, em uma pilha de tijolos); o segundo tipo é a unidade de "tipo

real", isto é, formas já intrínsecas, possuidoras de uma quiddidade de sentido consistente (essências, tais como água, pedra); podemos dizer que esse tipo possui uma definição genuína, porém são completamente dependentes da experiência do mundo como ele é - contingente e factual; por fim, o terceiro tipo, de grau mais elevado de unidade, são as unidades essencialmente necessárias. São essências que nos são dadas de um pleno, tais como: a essência do ser humano, triângulo, pessoa ou do amor e que Hildebrand qualifica como modos de ser "ideal", ou seja, que são apenas uma natureza essencialmente necessária e válida, independentemente de qualquer posição e circunstâncias existenciais.

No entanto, mesmo que a posição realista de Hildebrand, influenciada por Reinach, concebesse as essências intuídas como possuidoras de uma subsistência e validade próprias e independentes do sujeito que as conhece (Fidalgo, 2011), o filósofo também via a necessidade de descrever as vivências do sujeito que captavam essas essências. Na vida da pessoa humana a esfera do conhecimento possui um papel essencial, já que conhecer é um contato intencional com o ser, no qual a pessoa participa do descobrimento de sua própria natureza. O conhecimento *a priori* é o "conhecimento mais digno" para

Hildebrand, tendo três características principais: sua necessidade intrínseca, sua inteligibilidade incomparável e sua certeza absoluta (ROVIRA, 2006).

Assim, sem aceitar a virada transcendental de Husserl, ou seja, a consciência transcendental – tal como fez o grupo de Gotinga a partir da publicação das “Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica” –, Hildebrand manteve a concepção de vivências atrelada à ideia de consciência psicológica (intencional), assim continuou a defender a ideia que o método fenomenológico permitiria chegar ao entendimento da estrutura interativa que liga a natureza intencional de experiências humanas. Dessa maneira, Hildebrand passou a descrever de maneira rigorosa e profunda a estrutura intencional das vivências, chegando a oferecer uma “tipologia de vivências” que permitia mostrar a complexidade e riqueza da vida subjetiva.

Em um importante capítulo de sua obra “Ética”, Hildebrand (1997, p. 190) descreve a vida consciente, ou seja, a intencionalidade que, em sua acepção significa: “uma relação racional e consciente entre pessoa e objeto”. Segundo o fenomenólogo a intencionalidade é a estrutura mais importante da vida consciente do ser humano e se distinguem em:

vivências "intencionais", que apontam para algo e têm caráter receptivo, são conscientes e possuem uma relação com o objeto; e as vivências "não-intencionais", que necessitam de um propósito, não mantêm uma relação consciente e significativa com o objeto.

Ainda, as vivências “não-intencionais” dividem-se em “meros estados”, tais como: o cansaço, o mau humor e “tendências teológicas” que são os fenômenos físicos imanentes das quais não possuímos consciência, tais como: instintos e impulsos. Em contrapartida, as vivências “intencionais” se distinguem em “vivências receptivas ou atos cognitivos” e “vivências de resposta”, uma vez que Hildebrand (1997) faz uma diferenciação no tipo de intencionalidade, isto é, na direção intencional das vivências. Assim, descreve o filósofo sobre as vivências receptivas:

Os atos cognitivos se caracterizam, em primeiro lugar, porque são consciência de algo, isto é, de um objeto. São, por assim dizer, vazios; todo o seu conteúdo reclinado do lado do objeto. [...] os atos cognitivos, a intenção vai, por assim dizer, do objeto até a nós; o objeto se manifesta a nosso espírito, nos fala e nós escutamos. [...] todos os atos cognitivos tem caráter

fundamentalmente receptivo, ainda que os mesmos não sejam puramente passivos. (HILDEBRAND, 1997, p.195).

Para ilustrar os atos cognitivos, Hildebrand (1997, p. 195) diz: “quando vemos uma cor vermelha, o seu conteúdo está do lado do objeto; não somos vermelhos, mas temos consciência do vermelho”. Já nas vivências de respostas “a intenção vai de nós até o objeto”, ou seja, nas “respostas nós somos quem falamos; o conteúdo de nosso ato se dirige ao objeto; é a nossa resposta ao objeto”. Assim, por exemplo, ao sentirmos alegria o conteúdo está no sujeito, “não estamos vazios, senão ‘cheios’ de alegria” (HILDEBRAND, 1997, p. 195).

Por fim, descrevendo as vivências de resposta, o filósofo distinguirá as respostas entre “respostas teóricas”, pertencentes à esfera do conhecimento as “respostas volitivas” que permitem uma postura frente ao objeto e as “respostas afetivas” que qualificam e dão importância ao objeto. São por essas respostas e principalmente a afetiva que Hildebrand postulará a sua ética, porque segundo ele a ética estará centrada naquilo que tem a capacidade de obter uma resposta afetiva e o que tiver essa capacidade deve ter o caráter de importância. “Para que um objeto motive nossa

vontade ou qualquer resposta afetiva, deve estar dotado de algum tipo de importância, há de destacar-se da neutralidade ou indiferença” (Hildebrand, 1997, p. 34).

3. A PESSOA HUMANA E A AFETIVIDADE

Como vimos e de acordo com Rovira (2006), a fenomenologia de Hildebrand “aspira a um contato genuíno com a realidade” (p. 163), não se reduzindo a simples fenômenos, visto que toda investigação filosófica de Hildebrand é fundamentada pela experiência humana. O modo de ser de diversos grupos de objetos é mostrado por meio de dados da experiência, assim é fundamental analisar os diversos fenômenos da vida consciente do ser humano para conhecer sua essência. Isso porque, segundo Hildebrand (1997), a pessoa humana ocupa no universo um lugar privilegiado, visto que em virtude das estruturas objetivas da realidade e da vocação pela verdade sua dignidade é mantida.

A análise fenomenológica da pessoa humana em Hildebrand, tal como apresenta Rovira (2006) é dupla: de um lado temos um “mundo para si”, em que a especificidade da pessoa é apontada frente a outros seres que se dão na experiência; e de outro lado, temos a pessoa como um

ser espiritual devido os seus atos e vivências. Ainda, segundo essa análise dois tipos de seres são revelados na experiência: as substâncias, que existem e subsistem por si próprios; e os acidentes, que para existirem precisam da substância. Cada ser possui o caráter substancial realizado de terminado modo, assim, por exemplo, na matéria inanimada a substancialidade se manifesta em uma individualidade fraca, enquanto nos seres vivos temos uma individualidade mais completa. Entretanto, é na pessoa humana que a individualidade alcança sua expressão máxima, visto que ela se torna consciente dos atos cognitivos, afetivos e vontades e sua significativa relação com o mundo.

Como temos visto os estudos das vivências, conforme descreve Hildebrand (2005), apontam que a pessoa humana é um ser espiritual e que o ser humano possui três estruturas intencionais, quais sejam: o entendimento, a vontade e afetiva. Essas três estruturas da pessoa humana são, em verdade, a estrutura ontológica do ser humano e cada uma delas compõem “centros operativos” de vivências.

Apesar das três estruturas – entendimento, a vontade e a afetividade – compõem à sua maneira a subjetividade humana,

para Hildebrand (2005), a afetividade é a que melhor expressa a vida interior humana, isso porque por meio da afetividade é possível dizer que vivemos algo. Ainda, Hildebrand diz que apesar das vivências afetivas terem algo em comum com as vivências volitivas e se distinguirem das cognitivas, são também vivências à parte porque: a) o seu objeto pode ser real, ou seja, a resposta afetiva se dirige a algo real e não possível (quando nos alegamos de algo que existe); b) as respostas afetivas se dão plenamente e; c) as respostas afetivas não são livres de modo pleno e direto (Sánchez-Migallón, 2002).

Segundo Hildebrand (2005), o estudo das respostas afetivas é necessário para compreender a essência da pessoa, mesmo que a afetividade tenha sido atribuída por um caráter irracional. Para o filósofo isso acontece por três razões: por reduzir sua parte inferior sem levar em consideração sua necessidade no âmbito espiritual (isso acontece nas ciências psicológicas ao reduzirem a afetividade aos sentimentos ou paixões); estudam os afetos separados dos objetos que o motivam; e pela falta de crédito da afetividade como algo autêntico do ser humano (ROVIRA, 2006).

Hildebrand (2005) também afirma que a afetividade não se reduz

às suas formas não espirituais (formas inferiores de afetos, tais como: as sensações corporais, sentimentos psíquicos, as paixões ou sentimentos poéticos), mas que também tende a ser um “sentimento espiritual”, no qual se manifestam de modo pleno as chamadas “respostas afetivas”. O amor, por exemplo, ocupa um lugar central dentro das respostas afetivas, visto que é uma resposta ao valor da pessoa em sua integridade. “Assim como se tornou claro que a afetividade e a espiritualidade não se excluem, fica livre o caminho para a verdadeira essência do amor” (HILDEBRAND, 2016, p. xx).

Apesar de não abordarmos aqui toda a complexa descrição que Hildebrand faz das “respostas afetivas”, reforçamos que essas respostas possuem um caráter ativo no ser humano e que expressam sua tomada de decisão em relação aos acontecimentos mundanos, a partir da forma como se responde afetivamente a isso. São vivências afetivas que o ser humano dirige desde o “coração”, como denominou Hildebrand (2005) até o valor que possuem tais acontecimentos. Isso porque “se uma pessoa que não foi capaz de captar os valores e compreendê-los como tal, não seria uma pessoa real. Sem o valor de aquisição seria diálogo íntimo impossível entre sujeito e objeto, e

não haveria pleno significado do conhecimento”.

REFERÊNCIAS

- BURGOS, J. M. *Introducción al personalismo*. Madrid: Biblioteca Palabra, 2012.
- FERRER, U. *¿Qué significa ser persona?* Madrid: Biblioteca Palabra, 2002.
- HILDEBRAND, A. von. *Alma de léon. Biografía de Dietrich von Hildebrand*. Madrid: Biblioteca Palabra, 2002.
- HILDEBRAND, D. von. *Ética*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1997.
- HILDEBRAND, D. von. *El caballo de Troya em la Ciudad de Dios*. Madrid: Ediciones Fax, 1967.
- HILDEBRAND, D. von. *El corazón. Um analisis de la afectividad humana y divina*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2005. E-Book. ISBN: 9788490558096.
- HILDEBRAND, D. von. *Las formas espirituales de la afectividad*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2016.
- HILDEBRAND, D. von. *¿Que és filosofia?* Madrid: Ediciones Encuentro, 2000.
- SÁNCHEZ-MIGALLÓN, S. *El personalismo ético de Dietrich von Hildebrand*. Madrid: Ediciones Rialp, 2003.
- SPIEGELBERG, H. *The Phenomenological Movement: a historical introduction*. Boston: Martinus Nijhoff, 1982.
- STEIN, E. *Vida de una Familia Judía*. Em: Stein, E. *Obras completas: Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2002.
- ROVIRA, R. *Los tres centros espirituales de la persona. Introducción a la filosofía de Dietrich von Hildebrand*. Madrid: Fundación Emmanuel Mounier, 2006.

Submetido: 22 de julho 2017

Aceito: 31 de julho 2017

214

Prof. Dr. Tommy Akira Goto
Marília Zampieri da Silva
Toledo, n.º 1, v. 2 (2017) p. 214